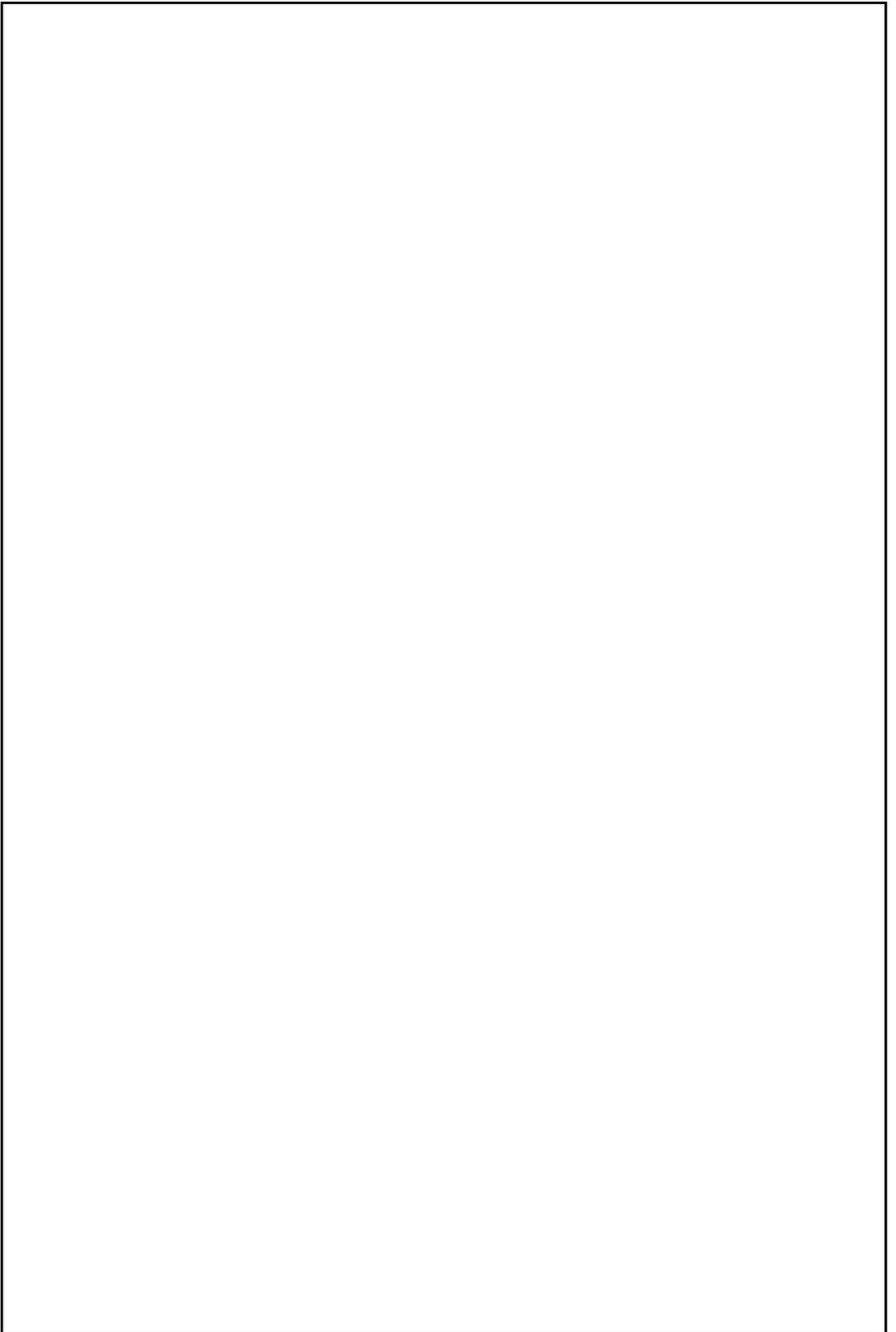


Ronny Diogenes de Menezes

Fábio Marques de Souza

Orientações
metodológicas
para o ensino das
Escritas Surdas



Ronny Diogenes de Menezes
Fábio Marques de Souza

Orientações
metodológicas
para o ensino das
Escritas Surdas



Coleção Literatura, Leitura & Ensino

A coleção *Literatura, Leitura & Ensino* surge com a meta de divulgar estudos que, a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas, problematizem, no sentido freiriano da educação transformadora, concepções e práticas da tríade literatura, leitura e ensino. Esta coleção reúne diferentes abordagens sobre a prática pedagógica da leitura, leitura literária, formação do leitor, políticas públicas e metodologia de trabalho para o ensino de leitura e literatura, propiciando alternativas para a compreensão da função da leitura e da literatura no ensino e na (trans)formação do ser humano.

Conselho editorial

Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA)
Prof. Dr. Fábio Marques de Souza (UEPB)
Prof. Dr. Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE)

Comitê científico da obra

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani (USP)
Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre (UEPB)
Prof. Dr. Ivo Di Camargo Junior (SME-Ribeirão Preto-SP)
Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza (UFPE)
Profa. Dra. Marta Lúcia Cabrera Kfoury-Kaneoya (UNESP)
Prof. Dr. Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly
(Aswan University, Egito)
Profa. Dra. María Isabel Pozzo
(IRICE-Conicet-UNR, Argentina)
Profa. Dra. Selma de Cássia Martinelli (UNICAMP)
Profa. Dra. Shirley Barbosa das Neves Porto (UFMG)

Ronny Diogenes de Menezes
Fábio Marques de Souza

Orientações
metodológicas
para o ensino das
Escritas Surdas



Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

Ronny Diogenes de Menezes, Fábio Marques de Souza.

Orientações metodológicas para o ensino das Escritas Surdas. São Paulo: Mentis Abertas, 2019, 80 p.

ISBN: 978-65-80266-12-8

1. Surdez. 2. Literatura surda. 3. Literatura visual. 4. Identidade. I. Título.

Este guia é um dos frutos, revisado e ampliado, da pesquisa de mestrado **“As Escritas Surdas como artefatos culturais mediadores de reflexões a respeito das crenças sobre a surdez”** realizada por Ronny Diogenes de Menezes, entre os anos de 2016-2017, na linha de pesquisa “Linguagens, Culturas e Formação Docente”, do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Marques de Souza e coorientação do Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre.



Mentis
Abertas

www.mentisabertas.com.br

<https://mentisabertas.minhalojuol.com.br/>

2020

Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e ainda assim os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras. Os presos estavam encapuzados; mas inclinando-se conseguiam ver alguma coisa, alguma coisinha, por baixo. E embora fosse proibido falar, eles conversavam com as mãos.

Pinio Ungerfeld me ensinou o alfabeto dos dedos, que aprendeu na prisão sem professor:

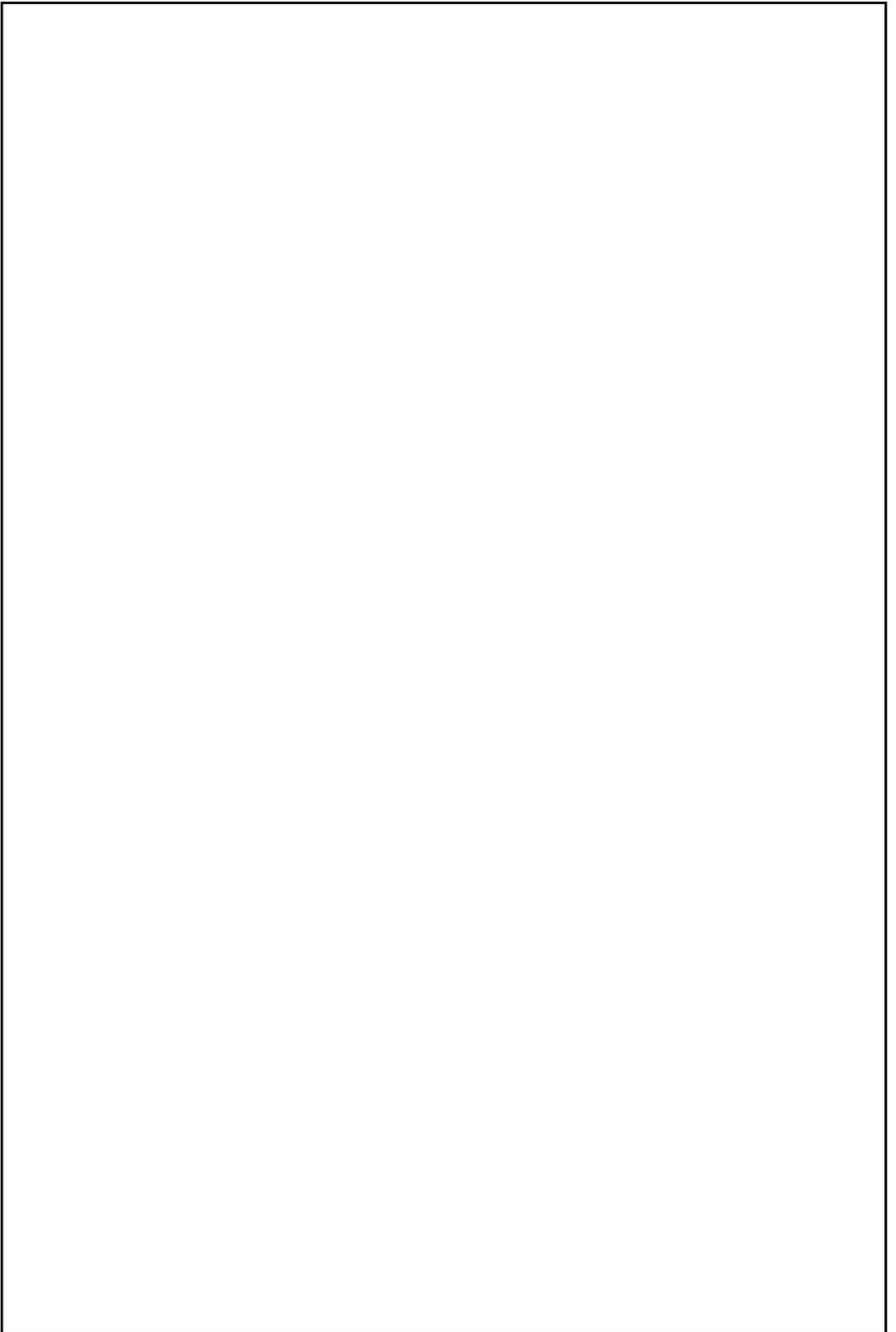
- Alguns tinham caligrafia ruim — me disse — Outros tinham letra de artista.

A ditadura uruguaia queria que cada um fosse apenas um, que cada um fosse ninguém: nas cadeias e quartéis, e no país inteiro, a comunicação era delito.

Alguns presos passaram mais de dez anos enterrados em calabouços solitários do tamanho de um ataúde, sem escutar outras vozes além do ruído das grades ou dos passos das botas pelos corredores. Fernández Huidobro e Mauricio Rosencof, condenados a essa solidão, salvaram-se porque conseguiram conversar, com batidinhas na parede. Assim contavam sonhos e lembranças, amores e desamores; discutiam, se abraçavam, brigavam; compartilhavam certezas e belezas e também dúvidas e culpas e perguntas que não têm resposta.

Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais.

Eduardo Galeano, 2002, p. 23 apud Luz, 2013, p. 2.



SUMÁRIO

O mundo dos surdos: história, cultura e poesias	10
O que consideramos como Escritas Surdas?	15
O Direito às Escritas Surdas.....	29
Analisando uma obra das Escritas Surdas	35
A história	37
Os multiletramentos por meio das Escritas Surdas	43
Sugestão de Sequência didática	49
Sequência didática	57
Apresentação da situação e Produção Inicial	59
Trabalho Minucioso	60
Produção Final	61
A cultura surda e suas contribuições para o ensino regular.	63
Referências	67
Glossário de termos utilizados nesse guia	71
Sobre os autores.....	77
Conheça a pesquisa que deu origem a esse guia de orientações.....	79

O MUNDO DOS SURDOS: HISTÓRIA, CULTURA E POESIAS

Histórias de todos os tipos circulam em nossas vidas. Desde crianças, ouvimos contos assombrados, causos, lendas. No momento da contação da história, esteja ela em algum livro, ou seja inventada, a criança e os pais podem viajar por planetas, mergulhar no fundo do mar, se teletransportar para uma floresta cheia de seres místicos ou apenas imaginar um mundo melhor, onde todos são felizes.

Fatos como esses marcaram a infância de muitas pessoas e, ao longo da vida, muitas histórias são contadas, recontadas, construídas e desconstruídas. Vivemos em uma sociedade cheia de

contos, lendas, folclore, causos. Contadores, poetas e repentistas alimentam nossa imaginação e nos dão momentos de prazer ao apreciar as suas composições. Sem uma língua que nos permitisse pensar, não seria possível criar e contar histórias, nem as transmitir a outros e, nem mesmo, fazer registros escritos delas.

A língua, com certeza, é um bem muito valorizado por povos de vários lugares e épocas, pois ela nos diferencia dos outros animais (MARCUSCHI. 2007). Durante muito tempo, acreditava-se que o único meio de utilização da língua seria o oral/auditivo (STROBEL. 2009), essa ideia exclui completamente um grupo de pessoas, os surdos.

Entretanto, essas pessoas não foram privadas de construir sua cultura, pelo contrário, ela cresceu e continua crescendo. Pelo uso da língua de sinais, e no caso do nosso país o uso da língua de sinais brasileira (doravante Libras), essas pessoas conseguiram se comunicar, criar relações de amizade, companheirismo e se unir em prol do direito de ter sua identidade e cultura preservadas (PERLIN, 2011).

No último século, a comunidade científica começou a perceber que as línguas de sinais têm as

mesmas características das línguas orais, e que associada às elas existem diversas manifestações artísticas e culturais. Uma dessas manifestações que nasceram com as comunidades das pessoas com deficiência auditiva são as Escritas Surdas. Ela transmite as emoções de uma comunidade que quer ser “ouvida” e respeitada. Contudo, muitas vezes eles se tornam invisíveis na nossa sociedade. E essa invisibilidade tem separado os ouvintes dos surdos. Porém, sabendo que, com a literatura e, como veremos mais adiante, com as *escritas surdas*, podemos penetrar em outros mundos, viver como outros vivem e ter contato com culturas diferentes da nossa, essa invisibilidade pode começar a ser convertida em visibilidade (COSSON, 2006). No contato com a Escritas Surdas é possível que os ouvintes se aproximem da cultura e dos surdos, pois, com isso, poderiam praticar a alteridade, viver como outros, e essa vivência proporcionaria a interiorização das experiências dessas comunidades, estimulando o respeito mútuo.

A partir disso, é possível perceber a necessidade de tornar essas escritas acessíveis para

as escolas regulares. Embora as Escritas Surdas há anos estejam presentes na sociedade, poucos as conhecem e as entendem. Dentro dessa ideia surgem dúvidas que precisam ser resolvidas, por exemplo: quais obras de Escritas Surdas utilizar? Onde encontrá-las? Qual método deve ser adotado? É possível realmente incluir as Escritas Surdas no currículo escolar sem prejuízo para o estudante?

O objetivo deste guia é transmitir para você, leitor, a nossa experiência na aplicação de sequências didáticas de Escritas Surdas na educação regular, durante nossa pesquisa de mestrado, na linha de pesquisa Linguagens, Culturas e Formação Docente, do curso de Pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. Para isso, iniciamos as discussões conceituando as Escritas Surdas e argumentando que temos o direito a ela, em seguida apresentamos algumas possíveis formas de utilizá-las como uma ferramenta social para complementar o processo de multiletramento do aluno ouvinte. Na seção seguinte, descrevemos uma proposta de sequência didática, discutindo como aplicá-la em uma sala de aula do ensino regular. Por

fim, refletimos sobre como as produções culturais surdas podem aproximar dois grupos que vivem próximos, mas – na maioria das vezes - estão separados.

O QUE CONSIDERAMOS COMO ESCRITAS SURDAS?



Ao ver a palavra *escritas*, uma infinidade de ideias pode surgir em nossa mente, como por exemplo: a escrita de *e-mails*, de cartas e de livros. Entretanto, essas não são as únicas coisas que podem ser escritas. Podemos escrever com palavras, imagens, sinais, gestos e diversos outros suportes (SILVA, 2016). O próprio texto literário, hoje, não se resume mais aos livros impressos.

Cosson (2014) explica que as Histórias em Quadrinhos (HQ), as canções, o cinema, as séries de TV, os jogos eletrônicos e as telenovelas são avatares do que se chama literatura.

Nesse sentido, podemos até pensar em períodos literários como, por exemplo, o Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo/Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e Pós-Modernismo. Porém, hoje, temos diversas produções culturais que não se encaixam nesses períodos e escolas literárias e, além disso, temos diversas produções em outros suportes que não se limitam a palavra escrita no papel.

Um exemplo disso são as artes plásticas, as canções, os repentes, os poemas visuais e a poesia em

língua de sinais. Todos esses ultrapassaram as fronteiras das páginas dos livros e ganharam outros suportes. Por isso, em nosso guia, não nos concentraremos no que usualmente se chama de literatura, mas sim, em uma visão ampliada dessa arte. E, nessa visão, contemplaremos todas as formas de registro: orais, impressas em papel, audiovisuais, em sinais ou até mesmo somente imagéticas. Essas expressões são o que Silva (2016) chama de *escritas*. Ludmer (2010), as chama de *escrituras* ou *literaturas pós-autónomas*. Entretanto, utilizaremos *escritas* para nos referir de uma forma “menos ambígua e mais plural de entender o que podemos, hoje, chamar de Literatura” (SILVA, 2016, p. 56).

Nesse caso, as poesias em língua de sinais não se encaixam nas definições tradicionais da literatura, por isso entendemos que, ao invés de a chamarmos de literatura surda, o termo mais adequado é *Escritas Surdas*. Desse modo, podemos nos perguntar: O que são essas *Escritas Surdas*?

Utilizamos essa expressão para histórias que apresentam o dia a dia do surdo, suas angústias, suas alegrias, seus anseios, seus medos e suas esperanças

(KARNOPP, 2010). Esses assuntos são abordados através de “contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais”. As temáticas dessas composições, também, mostram a relação conflituosas entre surdos e ouvintes (KARNOPP, 2010), desse modo surge um novo mundo de significações. Contudo, as produções dos surdos, por diversas razões, não ganharam o destaque que merecem. Muitos fatores podem ter contribuído para isso, entretanto, ao analisar um breve histórico, é possível perceber que, aos poucos, essas escritas vêm ocupando o seu devido lugar. Para Karnopp e Hessel (2013), a literatura surda, leia-se *Escritas Surdas*, é composta por adaptações de histórias para o universo surdo, traduções de histórias e produções originais.

Segundo Sutton-Spence (2005), não há registros de poemas feitos por surdos até 1960, ano que foi um marco no reconhecimento da Língua de Sinais como uma língua com o mesmo status linguístico das línguas orais. Fisher & Lane (apud PORTO & PEIXOTO, 2012) afirmam que, em séculos anteriores, existiram poetas surdos. Contudo, a falta

de um meio eficaz de registrar as poesias sinalizadas pode ser o motivo da ausência de obras desses autores.

Por volta da década de 1950, nos Estados Unidos, foram fundados clubes de surdos onde eles podiam compartilhar suas produções. Dorothy Milles foi uma das primeiras poetisas surdas, sendo muito influente tanto nos EUA quanto na Inglaterra (PORTO & PEIXOTO, 2012). Na década de sessenta, foi iniciado os trabalhos de um grupo nacional de teatro surdo, esses apresentaram o espetáculo “My Third Eye”, escrito por um surdo. Esse grupo se apresentou em todos os estados dos EUA e em vários continentes (MEREDITH, 2014).

A partir da popularização de mídias como o VHS e o DVD (KARNOPP, 2008), as Escritas Surdas ganharam um meio para o seu registro, que possibilitou captar toda a expressividade da sua estética visual. Porém, poucos surdos tinham acesso a filmadoras para registrar suas produções, que ficavam apenas sendo transmitidas de pessoa para pessoa. Com o passar dos anos, a internet e um maior acesso a equipamentos de filmagem em smartphones

e demais dispositivos móveis, possibilitou aos surdos um meio rápido e gratuito de disseminar as suas produções e o site Youtube é o mais usado para isso. Até o momento, não existe um sistema de escrita oficial para a Libras, portanto, o registro mais comum dessa língua tem sido por meio do audiovisual.

A companhia Arte e Silêncio tem usado o Youtube¹ como meio de divulgar as suas produções. Seus vídeos são marcados pelo posicionamento em favor do uso adequado da Libras pelos profissionais intérpretes e pela afirmação da Libras como uma língua capaz de expressar qualquer ideia. Além deles, há também o poeta surdo Nelson Pimenta, que criou poemas famosos dentro da comunidade surda como Bandeira do Brasil, Natureza, Língua Sinalizada e Língua Falada e O Pintor de A a Z. De maneira mais geral, o poeta Pimenta trata de temas como: as diferenças entre a Libras e a língua portuguesa, a preservação da natureza e até mesmo uma homenagem à bandeira do Brasil.

¹ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/playlist?list=PL3DB52722ACAE5F88>

>. Acesso em: 17 dez. 2016.

Outra importante difusora das Escritas Surdas é a TV INES², que é mantida pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos. Dentre seus diversos programas, podemos destacar “A Comédia da Vida Surda” e “Piadas em Libras”. Essa emissora de TV Online vem contribuindo para o fortalecimento da cultura visual das pessoas surdas e a sua programação também pode ser acessada através das SmartTVs.

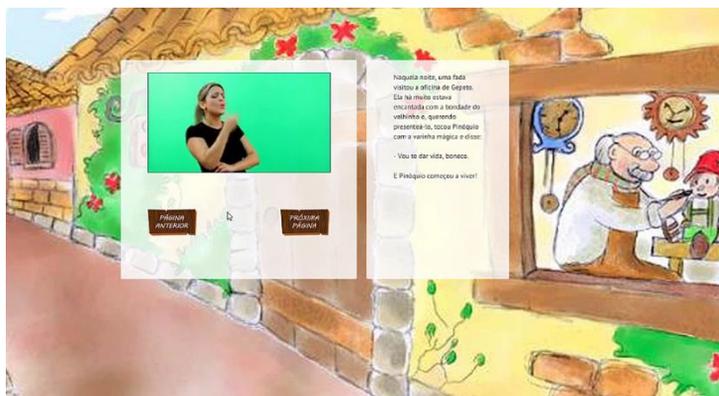
Embora as poesias em língua de sinais sejam escassas em comparação com as em língua portuguesa, ainda podemos encontrá-las. Porém, em sua maioria são traduções de histórias infantis e pouquíssimas criações próprias de surdos (KARNOPP E HESSEL, 2013). Neste guia, utilizamos o termo Escritas Surdas para todas as produções culturais que trazem em seu cerne a problemática da surdez e da Libras, nessa classificação incluímos as produções originais, as traduções e adaptações de histórias clássicas para o universo surdo.

Veremos, a partir de agora, alguns exemplos dessas escritas. Iniciaremos pelo tipo mais comum, as

² Disponível em: <<http://tvines.com.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

traduções de histórias para a Libras. Esses textos da literatura tradicional que, após passarem por um processo de tradução intersemiótica, são apresentados em Libras, com o apoio de recursos cinematográficos. A título de exemplo, algumas histórias, traduzidas e disponibilizadas pela editora Arara Azul³, como Iracema, Pinóquio e Alice no país das maravilhas.

Imagem 1 - As Aventuras de Pinóquio - Versão Digital para Download



Fonte – Editora Arara Azul

Recentemente, uma nova manifestação cultural está sendo incorporada à comunidade surda,

³ Disponível em: <<https://goo.gl/sCJCII>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

o Slam do Corpo⁴. Nesses eventos, surdos e ouvintes improvisam poesias em Libras. Ao final, as melhores são premiadas. Esses eventos são organizados pela comunidade surda com o apoio do Serviço Social do Comércio de São Paulo. Na competição, um surdo e um ouvinte declamam suas poesias em Português e Libras, além disso ainda são oferecidos minicursos e workshops sobre declamação de poesias⁵.

⁴ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Corposinalizante>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

⁵ Disponível em:
<<http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/slam-do-corpo-novo-jeito-de-falar-novo-jeito-de-ouvir>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

Imagem 2 - Apresentação de poesia no Slam do Corpo



Fonte – Corpo Sinalizante⁶.

Além de vídeos, as Escritas Surdas também são manifestadas por meio das Artes Plásticas. O site Cultura Surda⁷ divulga várias produções desse tipo, como a obra “ASL still grows beautifully” (Imagem 3) de Jennifer Tandoc e “Papillon” de Jennifer Lescouë (Imagem 4). As duas artistas surdas expressam, multimodalmente com sinais e imagens, suas impressões sobre a natureza.

⁶ Disponível em: <<https://goo.gl/DN9jMb>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

⁷ Disponível em: <<https://culturasurda.net/category/artes-plasticas/>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

Imagem 3- Obra: “ASL still grows beautifully”, de Jennifer Tandoc.



Fonte - Site Cultura Surda⁸.

⁸ Disponível em: <<https://culturasurda.net/category/artes-plasticas/>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

Imagem 4 - Obra: “Papillon” de Jennifer Lescouë



Fonte - Site Cultura Surda⁹.

Percebemos que as Escritas Surdas estão em constante expansão. Desse modo, é preciso assegurar que surdos e ouvintes tenham acesso a elas, pois a literatura é vista por Candido (2011) como força humanizadora, que contribui muito na formação do ser humano. Porém, para que ela possa contribuir

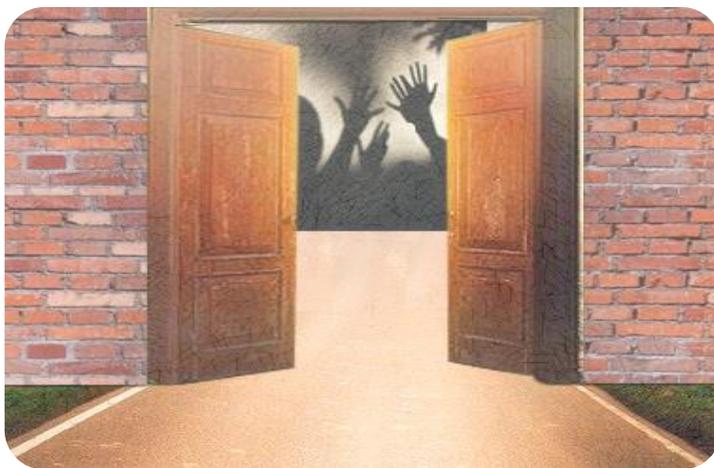
⁹ Disponível em: <https://culturasurda.net/category/artes-plasticas/>. Acesso em: 07 mai. 2017.

nessa formação, ela tem que ser acessível aos surdos e ouvintes.

Por sua natureza visual, ela está completamente acessível aos surdos. Contudo, o público ouvinte que não é usuário da Libras não tem esse privilégio e isso pode ser um fator que impedirá uma maior difusão das obras literárias feitas por surdos. Atualmente, somente a TV INES disponibiliza seus programas de forma bilíngue (Libras, legenda e áudio em Português).

Na próxima seção, discutimos a respeito do direito que temos à Escritas Surdas, do mesmo modo que temos o direito ao acesso a todas as outras manifestações artísticas.

O DIREITO ÀS ESCRITAS SURDAS



Ao se pensar em necessidades básicas da humanidade, a primeira que pode surgir em nossa mente é a água, pois, com essa substância podemos sobreviver e fazer toda uma sociedade se movimentar. Podemos limpar nosso corpo e nossas casas. Indústrias se instalam onde há uma grande abundância de recursos hídricos movimentando, assim, toda uma economia. Sem água, não seria possível produzir alimentos nem os deliciosos sucos de frutas que nos refrescam. Pensando no poder que esse líquido tem, será que podemos encontrar tal necessidade básica para o ser humano nas escritas (literatura)? Segundo Candido (2011): Sim! Podemos!

O contato com a ficção é um direito humano, que sem ela, a vida como conhecemos não existiria. Refletindo sobre os direitos humanos, Candido (2011) afirma que os bens incompreensíveis não podem ser negados a ninguém, e que o que “consideramos indispensável para nós também é indispensável para o próximo” (p.172). A partir dessa afirmação podemos pensar: Será que o contato com as escritas é indispensável?

O próprio Candido (2011) nos mostra que é impossível uma pessoa passar mais de 24 horas sem contato com alguma forma de fabulação. Esse contato acontece todos os dias em nossos sonhos. Nesse momento particular, nossa mente viaja à terras conhecidas ou desconhecidas, até mesmo àquelas que existem somente em nossos pensamentos. Em 2010, o site Terra 10 noticiou que a psicóloga e pesquisadora Deirdre Barrett descobriu que os sonhos nos ajudam a resolver problemas do dia a dia reiniciando nosso cérebro para que ele possa solucionar as dificuldades encontradas.

Partindo da ideia de que os sonhos são fundamentais para que possamos resolver os problemas do dia a dia, será que podemos privar alguém do sono sem que terríveis consequências caíssem sobre essa pessoa? Do mesmo modo que a falta de água pode causar sérios danos à saúde, a falta de sono, e conseqüentemente de sonhos, também pode.

¹⁰ Disponível em: <<https://goo.gl/mCvxLG>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

Candido (2011) afirma que a falta de sonho pode causar o desequilíbrio psíquico e a falta da literatura/escritas pode causar o desequilíbrio social. Com as *escritas*, podemos sonhar acordados, até viver outras vidas e ir a lugares nunca pisados por pés humanos. Há alguns anos, uma campanha de incentivo à leitura, promovida pela rede Globo de televisão¹¹, trouxe o slogan: Quem lê viaja! Ao pensar no conceito de escritas apresentado por Silva (2016) e Ludmer (2010), podemos expandir essa ideia para: quem conta histórias viaja, quem declama viaja, quem as ouve e quem as vê também viaja.

Considerando as informações citadas, podemos afirmar que não se pode negar o acesso a nenhum tipo de escritas, pois isso provocaria o desequilíbrio social. Se o acesso à literatura clássica é um direito da alta sociedade, também é um direito de todas as classes sociais o acesso a todos os tipos de *escritas*, sejam elas elitizadas ou populares. Partindo

¹¹ Disponível em: < <https://goo.gl/KKE7dj> > Acesso em: 25 de out. 2017.

desse pressuposto, a escola não pode privilegiar o ensino do cânone literário em detrimento ou supressão das *escritas*. Esse é o caso da literatura surda, que por ser desconhecida, pela maioria, não é tornada acessível a todos. Nesse ponto se encaixam as Escritas Surdas, pois seus traços específicos podem ser utilizados pelos professores para despertar o interesse dos alunos.

Entretanto devemos ampliar a nossa noção do que é literatura, Nesse ponto nos remetemos a Silva (2016). Para esse autor, a literatura ou “escritas” contemplam várias manifestações artísticas, orais e escritas ou até mesmo somente expressões imagéticas (SILVA, 2016; COSSON, 2006). Com essa ampliação da noção do que é literário, nos deparamos com a noção não de apenas uma literatura, mas sim de multiliteraturas. Nesse contexto, podemos enxergar as poesias em língua de sinais, as HQ, as canções, o cinema, as séries de TV, os jogos eletrônicos e as telenovelas que, em suas essências, não se enquadram nessa frágil visão de “arte da palavra escrita” (SILVA, 2016, p.46). Além dos sinais/palavras, as composições em língua de sinais

são recheadas com gestos, expressões corporais e faciais, recursos imagéticos e cinematográficos (PIMENTA, 2012). Isto posto, é possível perceber que esse tipo de *escritas* quebra completamente o paradigma da arte da palavra escrita e se aproxima de uma arte multifacetada, multimodal, multisemiótica, uma multiliteratura.

Nesse sentido, temos o direito ao acesso a essas *escritas* nas escolas e em nossas vidas, mas para isso elas precisam ser difundidas, apreciadas e entendidas. Assim, na próxima seção, você leitor, poderá perceber que as Escritas Surdas podem ser poderosas aliadas no processo de letramento dos estudantes.

Para que possamos entender melhor esse assunto, na próxima seção iremos analisar as características da obra *Bolinha de Ping Pong*, e veremos algumas possibilidades para o uso dela no processo educativo.

ANALISANDO UMA OBRA DAS ESCRITAS SURDAS



As Escritas Surdas estão em expansão e várias obras podem ser utilizadas por professores para promover o contato com a cultura e língua dos surdos. Vamos conhecer mais a fundo uma obra das Escritas Surdas e perceber algumas das possíveis contribuições dela para a formação dos estudantes.

A história que vamos analisar é Bolinha de Ping Pong, da Cia. Arte e Silêncio¹². O criador dessa história, Rimar Segala, nasceu em uma família de deficientes auditivos, também é surdo e é professor de Libras na Universidade Federal de São Carlos. Além disso, ele é ator desde 2003, quando fundou a Cia. Arte e Silêncio, atuando em festivais de folclore surdo e peças publicitárias (PEIXOTO, 2016). Como pode ser percebido, ele sempre participou de uma comunidade surda e hoje é ativo nas lutas dessas pessoas. Em um contato pessoal com esse autor, através do *WhatsApp*, ele nos enviou um vídeo¹³ no qual afirma que a motivação para criação dessa história foram acontecimentos pessoais que lhe causaram muitos

¹² Disponível em: <<https://goo.gl/Zd2ybZ>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

¹³ Disponível em: <<https://youtu.be/Yoo7uXHjEiM>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

incômodos, mas que ela se destina a surdos e ouvintes, usuários da Libras, que necessitam refletir sobre suas vidas. Ele finalizou seu vídeo salientando o papel da Cia. Arte e Silêncio em valorizar a Libras, a cultura e a identidade surda. Seus vídeos são marcados pelo posicionamento em favor fluente da Libras pelos profissionais intérpretes e pela afirmação dela como uma língua capaz de expressar qualquer ideia.

A HISTÓRIA

Esse conto, produzido por Rimar Segala, narra uma partida de ping pong jogada por duas pessoas. O autor sintetizou isso através de quatro personagens, sendo eles: dois jogadores, o juiz e um palhaço, que é usado como bolinha. Um dos jogadores é descrito com feições brutas, e até certo ponto violentas, principalmente no momento em que golpeia a bolinha (Imagem 5).

Imagem 5 – Personagem violento da história Bolinha de Ping Pong.



Fonte – Canal no Youtube da Cia. Arte e Silêncio.¹⁴

O outro participante do jogo é delicado, e até mesmo utiliza uma luva para jogar, o modo leve como ele acerta a bola também é um reflexo de sua personalidade (Imagem 6).

¹⁴ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=2y9IGQNzZ2M&list=PL3DB52722ACAE5F88>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

Imagem 6 – Personagem delicado da história Bolinha de Ping Pong.



Fonte – Canal no Youtube da Cia. Arte e Silêncio.

O Palhaço da história é um personagem alegre que, pelas expressões corporais e faciais do narrador, é uma figura, até certo ponto, ingênua (Imagem 7), pois não mostra insatisfação ao saber que será golpeado pelas raquetes dos jogadores.

Imagem 7 – Personagem Palhaço da história Bolinha de Ping Pong.



Fonte – Canal no Youtube da Cia. Arte e Silêncio.

Segurando, friamente, o palhaço em suas mãos, o juiz o entrega ao jogador violento que logo dá o primeiro golpe no palhaço. Porém, o outro jogador não o golpeia, pelo contrário, o segura com sua mão. Todos os espectadores olham para o jogador delicado e, nesse momento, o juiz ordena que ele continue com o jogo. Assim ele o faz. O palhaço segue sendo golpeado em seu rosto pelos dois jogadores, e todos acompanham atentamente cada golpe. Após um tempo, o juiz olha para o palhaço e percebe, em seu

olhar, sua aflição de estar naquela situação e o socorre. Porém, o jogo tem que continuar.

A história “Bolinha de Ping Pong” nos mostra os golpes que a vida nos dá: em alguns momentos são fortes e, em outros, são leves. No início, talvez não nos damos conta dessas agressões sofridas, afinal, o jogo da vida tem que seguir. A figura do juiz pode representar a nossa esperança de ter alguém que controle esse processo e que nos socorra, como foi no caso da história. Porém, o alívio foi temporário e logo ele teria que voltar a ser golpeado.

Ao vermos essa história, podem surgir, em nossa mente, todos os golpes que uma pessoa com deficiência auditiva leva durante toda a sua vida. Toda uma vida de preconceito e segregação social e educacional podem ser inferidos através dos golpes sofridos pelo “palhaço” da história. Embora ela não tenha sido destinada somente ao público surdo, o contexto de vida do autor nos leva a crer que, provavelmente, essas pessoas terão uma maior identificação com esse vídeo.

Esse contexto, juntamente com a história, pode servir de base para estimular os estudantes para

refletir sobre seus próprios problemas e sofrimentos. Além disso, eles poderão perceber que os surdos também são capazes de produzir uma boa história com a qual eles possam se identificar. Nesse processo, o aluno terá a oportunidade ter contato com a cultura e língua das comunidades surdas e, assim, seu processo de letramento poderá ser complementado.

Na próxima seção, iremos perceber que esse letramento, possível com as Escritas Surdas, vai além do que é, geralmente, concebido nas escolas.

Rojo (2012) afirma que vivemos em uma sociedade com múltiplas culturas que se entrelaçam. E essas, em sua maioria, estão completamente presentes no cotidiano dos alunos, não podendo ser ignoradas. A prática social que deve ser abordada em sala de aula, pode lançar mão dessas mestiçagens de culturas para favorecer a aquisição de línguas e linguagens.

Dentro dessa ideia surgem os multiletramentos, que perpassam o conceito de letramento, pois não irão se concentrar somente na apropriação da leitura e da escrita, e sim em uma prática que lance mão de diversos meios (ROJO, 2012). Um exemplo disso é o uso de filmes, imagens, histórias, jornais, canções, teatro, desenhos animados, gifs e outros. Entretanto, esse uso não é aleatório, o objetivo dele é abordar a diversidade cultural e de linguagens na escola e, com isso, diminuir a violência sofrida por alguns grupos (ROJO, 2012).

Com os multiletramentos, é possível também utilizar o texto literário, e outras composições, como forma de letrar o estudante. Esse letramento, dá a oportunidade, ao aluno, de se inserir no mundo das

diversas *escritas* (COSSON, 2011). O letramento proposto por Cosson e Souza (2011), mesmo se apegando à escrita de palavras, pode servir de base para um trabalho docente que possibilite a imersão do aluno no mundo dos surdos. Ele propõe a utilização de oficinas de leitura, nelas o professor iniciaria lendo uma obra e externando os possíveis pensamentos que surgem na mente ao se ler (COSSON & SOUZA, 2011). Em seguida, os alunos teriam a oportunidade de ler em voz alta e, também, fariam leituras independentes. No caso de obras das Escritas Surdas, esse processo pode ser conduzido de maneira similar. Contudo, o texto em Libras seria apresentado, em vídeo, ao assisti-lo, ele o pausaria e comentaria a respeito dos pensamentos e inquietações advindos da leitura. Por fim, os alunos poderiam “ler” outras obras que podem ser encontradas no Youtube.

Nesse processo, os três tipos de aprendizagem provenientes da linguagem literária podem ser contemplados. Eles foram descritos por Halliday (*apud* COSSON, 2006) e englobam a aprendizagem da literatura, sobre a literatura e sobre “conhecimentos

de história, teoria e crítica” (p.47). Como foi salientado pelo próprio Cosson (2006), as aulas tradicionais “oscilam entre as duas últimas aprendizagens e, praticamente ignoram a primeira” (p.47). Essa aprendizagem que é ignorada consiste em conhecer o mundo através da literatura (COSSON, 2006), não somente o mundo que está em nossa volta, e que muitas vezes não o percebemos, mas também o mundo dos outros. Essa aproximação ao mundo, à cultura, dos outros é uma das bases dos multiletramentos.

O que existe no mundo dos surdos, que pode ser utilizado para o processo de multiletramento dos estudantes? Com as comunidades surdas, os ouvintes podem aprender, dentre outras coisas, a se organizar politicamente, do mesmo modo que essa comunidade se uniu na luta pelo reconhecimento de sua língua. Podem, também, entender como é viver em mundo no qual a maioria não lhe compreende, e que acham que o melhor modo de viver é tentando ser igual a eles. Com os surdos, é possível compreender que não existem poesias somente nas línguas orais, mas também nas línguas de sinais. Enfim,

conseguiremos enxergar eles como capazes de realizar qualquer tarefa, do mesmo modo que os demais.

Com esses fatos específicos e outros, um letramento literário que utilize as produções culturais surdas ultrapassaria os muros das escolas, trazendo benefícios sociais a todos. E o caráter audiovisual das Escritas Surdas possibilita o processo de multiletramento. Por conseguinte, a violência social entre surdos e ouvintes poderia diminuir. Contudo, o apego ao ensino tradicional da literatura, engessa o pensamento dos alunos e não permite um real letramento. Desta forma, nos remetendo novamente a Candido (2011), podemos pensar na leitura como a água, sem ela não seríamos quem somos e não viveríamos como vivemos. O professor pode, assim, estimular a sede nos alunos e, com isso, o aproveitamento geral do estudante poderá ser melhor.

Na seção seguinte, apresentamos uma sequência didática para o ensino das Escritas Surdas, e discutimos como ela pode ser utilizada por professores que não dominam a Libras.

SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA



A sequência didática que apresentamos, nessa seção, foi elaborada e testada durante a nossa pesquisa de mestrado (MENEZES, 2017). Todas as atividades foram desenvolvidas levando em conta a concepção construtivista, pois os alunos construíram seus conhecimentos de maneira mais efetiva tendo contato com seus pares (ZABALA, 1998).

Por fim, Lins, Gama & Souza (2016) e Araújo (2013) nos trazem a atenção para quatro etapas que devem ser seguidas na elaboração das aulas, sendo elas: “apresentação da situação” e “produção inicial” que tem como objetivo contextualizar os estudantes na temática que será estudada e analisar o conhecimento prévio sobre o tema das aulas (LINS, GAMA & SOUZA, 2016; ARAÚJO, 2013); “trabalho minucioso” que consiste num aprofundamento do conteúdo que possibilite ao educando conhecer diversos aspectos do objeto de estudo (LINS, GAMA & SOUZA, 2016); e a “produção final” na qual os estudantes poderão utilizar todos os conhecimentos abordados nas aulas anteriores, permitindo que o processo de ensino aprendizagem seja avaliado pelo docente (ARAÚJO, 2013).

O conteúdo foi elaborado tendo como alvo estudantes do ensino médio. Vale salientar que o nosso objetivo, aqui, não é prescrever uma receita, mas sim demonstrar que é possível ensinar as Escritas Surdas para alunos ouvintes. Nesse contexto, o professor não precisa ser fluente em Libras. É possível afirmar isso, pois utilizamos obras bilíngues, com legendas, nas aulas. Essa medida proporcionou uma maior acessibilidade ao conteúdo, associado a isso criamos uma *playlist*¹⁵ no Youtube.

Os vídeos incluídos, foram escolhidos com alguns objetivos específicos a serem atingidos pelos estudantes, sendo eles:

- Conhecer produções culturais surdas;
- Perceber a visão que os surdos têm dos ouvintes;
- Entender as dificuldades que os surdos enfrentam por pertencerem a uma minoria sociocultural

Com isso, totalizaram 19 vídeos na *playlist*, que apresentam adaptações de histórias para a cultura

¹⁵ Disponível em: <<https://goo.gl/h4TN32>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

surda, traduções de contos para a Libras, produções originais, reportagens e relatos pessoais sobre a surdez.

Vale salientar que esse recurso não é estático. Assim, outros vídeos poderão ser adicionados posteriormente. Porém, os objetivos dessa inclusão serão os mesmos que já foram citados nesse parágrafo.

Acesse a playlist capturando o QR code abaixo com o seu *Smartphone*.



O link desse recurso foi compartilhado com os estudantes através de um grupo, que a turma tinha, no WhatsApp. Isso possibilitou o acesso antecipado ao conteúdo.

No primeiro momento da aula, foi iniciada uma discussão sobre o que é cultura e o que nos faz ter uma cultura diferente uns dos outros. Foi indagado aos alunos sobre o que eles gostam de ouvir, assistir, sobre o que gostam de conversar, o que pretendem estudar. E, por fim, lançamos a questão: Como se faz essas coisas quando se é surdo?

As mais diversas respostas surgiram, alguns disseram que o surdo interage da mesma maneira, só que com uma língua diferente. Assim, os questionamos a respeito do acesso à informação na TV, rádio e internet e como os surdos têm uma certa dificuldade com a língua portuguesa. Isso fez com que eles percebessem as dificuldades em ser surdo e que a cultura deles, forçosamente, seria diferente da dos ouvintes, pois a nossa cultura é influenciada por diversos fatores, inclusive o acesso à informação. Essa situação instigou uma aluna a indagar se os surdos são completamente surdos ou se alguns ainda ouvem alguma coisa.

Com essa primeira etapa da aula, pretendemos fomentar uma reflexão sobre o que é ser surdo. Nesse ponto, foi priorizada a participação dos estudantes,

suas opiniões foram ouvidas e debatidas com toda a turma.

Na sequência, apresentamos o poema “Os cinco sentidos”, de Paul Scott, traduzido para a Libras e sinalizado pelo ator surdo Nelson Pimenta. Nesse poema, o autor leva o leitor a uma viagem pelos nossos sentidos, revelando que, para os surdos, a audição é substituída pela visão e todas as percepções inerentes a ela.

Após a apresentação dos vídeos, foi iniciada uma discussão de como a falta da audição pode modificar a sua percepção de mundo, e também como isso abriu as portas para o surgimento de uma nova cultura. Em seguida, foi feita uma descrição geral de o que são Cultura e Escritas Surdas e quais as suas características. Em seguida, foi apresentada a “Piada do avião”, e discutido como essa situação cômica pode se tornar real. Foi solicitado que os alunos discutissem, em grupos de quatro pessoas, sobre as situações podem advir quando alguém perde a audição ou nasce sem ela.

Durante a segunda e terceira aula, demos início ao trabalho minucioso, para isso continuamos a

assistir e comentar mais obras da Escritas Surdas. Apresentamos aos alunos a história do Patinho surdo. Um resumo da história original foi distribuído e solicitamos que os alunos comparassem essas histórias com as adaptações, escrevendo os pontos em que diferem. Após isso, iniciamos uma discussão do porquê dessas mudanças.

Como conclusão da sequência didática, nas duas últimas aulas, solicitamos que os alunos realizassem a produção final, recontando uma história popular adaptando-a ao contexto da Escritas Surdas.

Vale salientar que em nenhum momento a aula foi ministrada em Libras. Isso é uma prova que as Escritas Surdas podem ser ensinadas por professores que não dominam a língua de sinais. Abaixo pode ser conferida a sequência didática em sua totalidade.

Sequência didática

Tema: Produções culturais surdas: um passo para a humanização das relações entre surdos e ouvintes.

Duração: 7 h/a

Objetivo geral:

- Estimular, através das escritas surdas, o respeito à cultura e identidade surda.

Objetivos específicos:

- Diferenciar a cultura surda e ouvinte.
- Reconhecer os traços específicos que compõem as Escritas Surdas.
- Discutir como a cultura surda influencia as composições poéticas das pessoas com surdez.
- Descrever possíveis situações nas quais pessoas surdas podem ter problemas de comunicação.
- Debater, com os outros colegas, as situações apresentadas na aula.
- Formular possíveis soluções para os problemas apresentados pelos surdos.
- Assistir trechos de adaptações de contos clássicos para a Libras.

- Comparar as versões de histórias da literatura tradicional, em português e Libras, discutindo as diferenças entre as duas.
- Adaptar um conto da literatura clássica ao contexto das pessoas surdas.

Conteúdos:

- Cultura surda
- Escritas Surdas
- Identidade surda
- Crítica literária.
- Literatura clássica

Recursos didáticos:

- Computadores com acesso à internet
- Caneta
- Projetor
- Playlist (Youtube) com vídeos com os poemas em Libras.
- Folhas de papel A4 com as histórias impressas.

Avaliação:

- A avaliação será formativa, considerando, inicialmente, o envolvimento dos alunos nas

aulas. Além disso, será observada as opiniões iniciais dos alunos sobre a cultura e identidade surda e como essas opiniões serão influenciadas pelo conteúdo ensinado. Com isso, a participação do aluno é fundamental para que o processo de avaliação seja realizado.

Apresentação da situação e Produção Inicial

Duração: 02 h/a

Desenvolvimento:

Discutir como a falta da audição pode influenciar o surgimento de uma identidade diferente da ouvinte e como e esse modo de viver deve ser respeitado.

Cultura surda:

Apresentar, através de slides, situações cotidianas que demonstrem a cultura surda e suas diferenças da cultura ouvinte.

Escritas Surdas:

Apresentar o poema “Os cinco sentidos”, do autor Paul Scott, traduzido para a Libras e sinalizado pelo ator surdo

Nelson Pimenta e a história “Lobo em Pele de Cordeiro”, da Cia. Arte e Silêncio.

Em seguida, apresentar para os alunos os traços específicos dos poemas que os identificam como Escritas Surdas.

Apresentar para a turma a piada do avião e discutir como essa situação cômica pode se tornar real.

Dividir a turma em grupos de 3 (três) e solicitar que eles descrevam, em forma de prosa ou versos livres, situações que os surdos podem enfrentar por não interagir com o mundo através da língua oral.

Após a conclusão, cada grupo apresentará as suas produções e elas serão discutidas com a turma, procurando possíveis soluções para os problemas.

Trabalho Minucioso

Duração: 03 h/a

Desenvolvimento:

Apresentar a história “Patinho surdo” e distribuir o texto da história original. Em seguida, solicitar que os alunos comparem as duas versões, destacando os pontos que diferem da história original. Após isso, iniciar uma discussão do porquê dessas mudanças.

Envio da *playlist* para o WhatsApp ou e-mail dos alunos
(<https://goo.gl/h4TN32>)

Produção Final

Duração: 02 h/a

VI. Desenvolvimento:

Solicitar que os alunos, em grupos, escolham uma história que será recontada. Eles devem ler essa história e anotar os pontos que não condizem com a vida dos surdos e, com isso, reescrevê-la do ponto de vista de um surdo. Por fim, a turma irá socializar as suas produções.

**A CULTURA
SURDA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO
REGULAR.**



Como pode ser observado nesse guia, a cultura surda é tão rica quanto qualquer outra. Segundo Candido (2011), nenhum ser humano pode viver sem o contato com alguma forma de fabulação. Desse modo, percebemos que há algo dentro de cada um que sentirá a necessidade de ter contato com histórias, folclore, lendas e outros. Além disso, o autor afirma que o acesso a literatura é um direito do ser humano. Se temos direito à literatura, também temos direito às *escritas*. Com isso em mente, afirmamos que as *Escritas Surdas* devem ser acessíveis a todas as pessoas, e é dentro da escola que esse acesso deve se iniciar, pois o público em geral se beneficiará de conhecer as vivências e cultura dos surdos e esse conhecimento pode contribuir para a aproximação deles.

Assim, caro leitor, esse guia pode lhe auxiliar a ser um multiplicador de conhecimentos acerca das *escritas* das comunidades surdas. Seus alunos podem ser motivados a refletir sobre a vida das pessoas com surdez e os problemas sociais que eles enfrentam. Essa reflexão pode abrir portas para novas ideias, novas amizades, novos rumos e novas possibilidades.

Enfim, esperamos que o contato com as Escritas Surdas possa ajudar a você, professor, a compreender melhor as pessoas surdas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013.
- BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: Barcelos, A. M.F. & Vieira-Abrahão. M.H. (orgs) **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes Editores. 2006, p 15 – 42.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5º Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2º edição. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- _____. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1º edição. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- COSSON, R.; SOUZA, R. J. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP- SP, 2011.
- HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

- KARNOPP, L. **Escritas Surdas**. UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância Florianópolis 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/LJnyYj> >. Acesso em: 29 nov. 2012.
- KARNOPP, L. B. **Produções culturais de surdos: análise da Escritas Surdas**. Cadernos de Educação. Pelotas, RS: FaE/PPGE/UFPel. 2010. Disponível em: < <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/07.pdf> >. Acesso em: 17 dez. 2016.
- KARNOPP, L. & HESSEL, C. Escritas Surdas: análise introdutória de poemas em libras. **Revista Nonada**. v. 2, n. 21 (2013). Porto Alegre: Uniritter, 2013.
- KLAMT, M; MACHADO, F; QUADROS, R. Simetria e ritmo na poesia em língua de sinais. In: WEININGER, M. & QUADROS, R. (orgs.) **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Editora Insular, 2014
- LINS, E. F.; GAMA, A. P. F.; SOUZA, F. M. Os gêneros textuais/discursivos como mediadores do complexo processo de ensino-aprendizagem de língua materna por meio de sequências didáticas. **Revista Afluente**. Bacabal – MA. v. 1, n. 2, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/5818/3468>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- LUDMER, J. Literaturas pós-autônomas. **SOPRO**, DESTERRO, V.20, P.1-4. 2010.
- MARCUSCHI, L. **Fala e escrita / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

- MENEZES, R.D. **As escritas surdas como artefatos culturais mediadores de reflexões a respeito das crenças sobre a surdez.** Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores). Campina Grande: UEPB, 2017.
- MEREDITH, E. **The History of Deaf Literature.** 2014. Disponível em: <https://prezi.com/b_jkp_1qskgt/the-history-of-deaf-literature/>. Acesso em: 24 dez. 2016.
- PORTO, S. & PEIXOTO, J. **Literatura Visual.** UFPB. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância. João Pessoa, 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.virtual.ufpb.br/publicacoes/view/110>>. Acesso em: 17 dez. 2016.
- PERLIN, G. **Identidades Surdas.** In: SKYLAR, C.(org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. 5º ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos.** UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância Florianópolis 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/ApC6kX>>. Acesso em: 30 nov. de 2016.
- ROJO, R. H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012. Pp. 7-31.
- SILVA, A. D. P. **O ensino de literatura hoje:** da crise do conceito à noção de escritas. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

- SKLIAR, C. Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKYLAR, C. (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- STROBEL, K. **História da educação de surdos**. UFSC. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a distância Florianópolis 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/v2Hu7E>>. Acesso em: 27 nov. 2016.
- STROBEL, K. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. A Formação do Professor de Línguas de uma Perspectiva Sociocultural. **Signum**. Estudos da Linguagem, v. 15, p. 457-480, 2012.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, Artmed, 1998

GLOSSÁRIO DE TERMOS UTILIZADOS NESSE GUIA

Termo	Conceito
Surdez	“Constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre deficiência” (SKLIAR, 2011, p. 11).
Comunidade surda	“Grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançar esses objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar” (STROBEL, 2008, p.13).
Identidade	“A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas

	quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1997, p.13).
Identidade surda	Está “presente no grupo onde entra os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita”. “Este tipo de identidade cria um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso. Praticamente essa identidade recria a cultura visual, reclamando à história a alteridade surda” (PERLIN, 2011, p. 63).
Cultura	Um conjunto de significados partilhados entre pessoas de um grupo. E esses significados incluem a identidade, interação social, rituais, comunicação, histórias e outros artefatos (HALL, 1997).
Cultura Surda	“É o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as

	crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo” (PERLIN & STROBEL, 2014 p.24).
Ouvintismo	“Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais” (SKLIAR, 2011, p. 15).
Escritas	“O termo <i>escritas</i> [...] de forma não mais <i>estricto senso</i> , mas <i>lato senso</i> possibilita quaisquer leitores terem consigo uma forma mais centrada, objetiva, menos ambígua e mais plural de entender o que podemos, hoje, chamar de Literatura” (SILVA, 2016, p.56).
Escritas surdas	Produções registradas nos mais diversos suportes: impressas em papel, gravadas em vídeo, pintadas, desenhadas, esculpidas, fotografadas; transmitidas por meio de sinais ao longo das gerações, e

	<p>que foram criadas por pessoas que pertencem a uma comunidade surda e que, em seu escopo, transmitem a cultura, as lutas, os anseios, os medos e as alegrias de seus membros. Nessas obras, é possível encontrar piadas, poemas, contos, fotografias, artes plásticas, competições de poesias, histórias da comunidade surda e peças teatrais. Não se limitando a apenas esses formatos citados, mas abrangendo toda e qualquer produção artística da comunidade surda.</p>
Literatura surda	<p>“Histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente” (KANOPP, 2010, p. 7). Histórias que trazem em seu escopo as lutas dos</p>

	<p>povos, sua identidade, seus desejos, seus medos e anseios. Podendo ela ser dividida em histórias criadas por surdos, ou adaptações de histórias para o universo surdo.</p>
Humanização	<p>“É processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 117)</p>
Crenças	<p>“Uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, coconstruídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de</p>

	interpretação e (re)significação“ (BARCELOS , 2006 p.18).
Artefatos culturais	“Um artefato pode ser visto como uma ferramenta quando utilizado com um propósito específico, o que indica que a função de uma ferramenta não é intrínseca a ela, mas definida culturalmente” (VIEIRA ABRAHÃO, 2012, p.463).

Fonte – Elaborado pelos próprios autores.

SOBRE OS AUTORES

Ronny Diogenes de Menezes

Mestre na área de “Linguagens, Culturas e Formação Docente”, pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Libras. Graduado em Letras-Português (UFPE). Atualmente, é professor efetivo de Libras da UFRN. De 2014 à 2017, foi tradutor e intérprete de Libras do Instituto Federal de Pernambuco (Campus Pesqueira), atuando também como coordenador de políticas inclusivas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação sociocultural de professores, Linguística Aplicada, Libras, Escritas Surdas, Escrita de Sinais, Acessibilidade e inclusão da pessoa com de deficiência.

✉ ronny.diogenes@hotmail.com

🌐 <https://www.facebook.com/ronnydiogenes.menezes>

🌐 <https://www.instagram.com/ronnydiogenes/>

Fábio Marques de Souza

Desenvolve e orienta pesquisas dedicadas à compreensão e potencialização do complexo processo de ensino-aprendizagem de línguas adicionais pelo viés da Linguística Aplicada (In)disciplinar. É credenciado no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PGFP-UEPB) e no Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE-UFCEG). Professor no Departamento de Letras e Artes da UEPB. cursou estágio de pós-doutorado no PPGEduc, da UFPE, com pesquisa a respeito da mediação, com o apoio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, do complexo processo de ensino-aprendizagem de línguas adicionais. Mestre (UNESP) e Doutor (USP) em Educação. Licenciado em Letras (Português, Inglês, Espanhol e suas literaturas) e em Pedagogia.

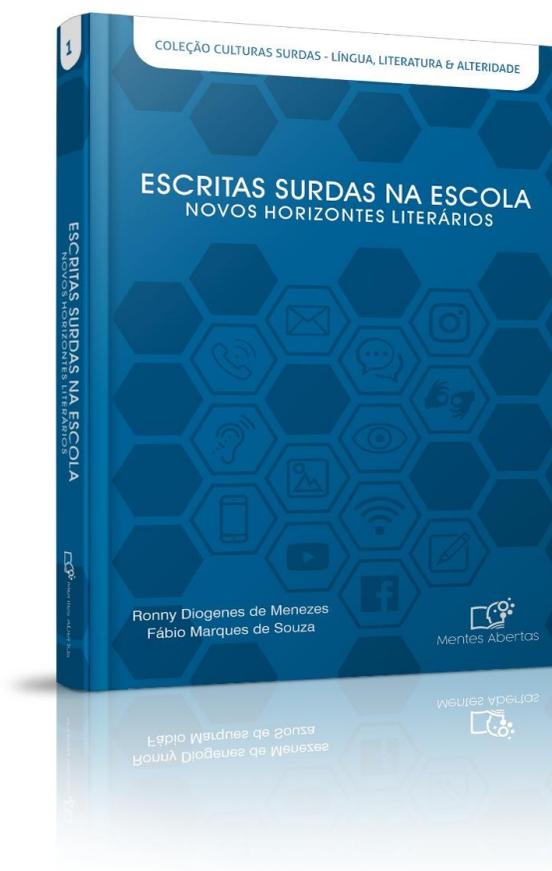
 fabiohispanista@gmail.com

 www.fabiomsouza.com

 <https://www.facebook.com/fabio.hispanista>

 <https://www.instagram.com/fabiohispanista/>

CONHEÇA A PESQUISA QUE DEU ORIGEM A ESSE GUIA DE ORIENTAÇÕES¹⁶



¹⁶ Disponível para aquisição em:

<https://mentesabertas.minhalojanouol.com.br/produto/310193/escritas-surdas-na-escola-novos-horizontes-litera>

A leitura deste livro foi desafiadora para mim desde seu título, porque, o seu primeiro chamado é para repensar o lugar de poder em que as *escritas surdas* precisam ser colocadas. O segundo é que o direito à literatura é uma via de mão dupla, havendo uma necessidade premente de inversão cultural nas relações estabelecidas entre surdos e ouvintes e nos modos como os segundos precisam redimensionar suas concepções sobre os primeiros. A perspectiva apresentada de que as produções literárias dos surdos são uma necessidade e um direito para os ouvintes é uma clara expressão de sua imersão paradigmática numa perspectiva teórica que concebe a língua de sinais, a cultura surda e suas produções como alta expressão e valores humanos. Assim, nos chama a repensar a realidade de inclusão linguística e cultural socialmente estabelecida e que segue na direção pouco problematizada de que a inclusão acontece quando o surdo, dentre outras possibilidades de entrada social, apreende os saberes e conhecimentos da macro sociedade ouvinte.

Como tornar visível a cultura surda para a comunidade ouvinte, é sua questão de pesquisa. Essa

sua preocupação está alicerçada na hipótese de que o acesso as *Escritas Surdas* também é um direito dos ouvintes. Isso significa uma mudança de olhar fundamental em nossos processos de revisão de nossas concepções de direitos de acesso aos bens culturais da humanidade.

Dra. **Shirley Barbosa das Neves Porto**
Professora do Curso de Letras-Libras e do
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino na
Universidade Federal de Campina Grande - PB

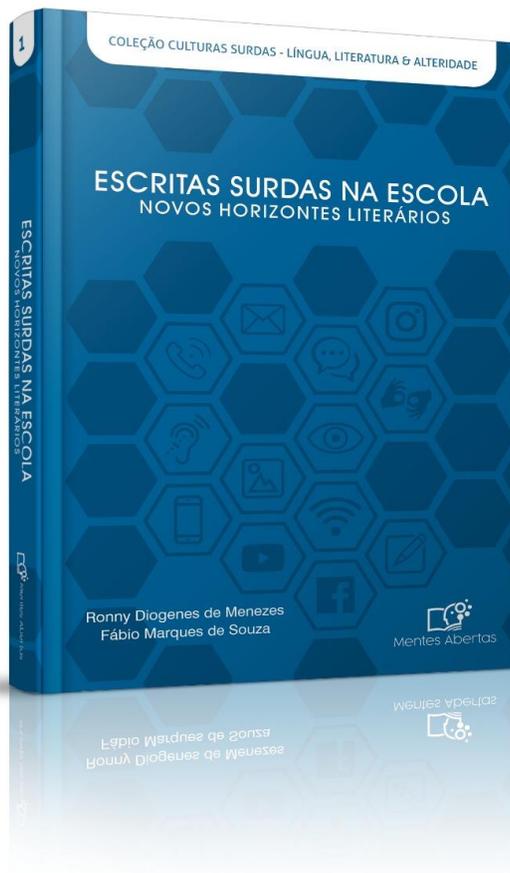
Em 2013, na Alemanha, o escritor Luiz Ruffato proferiu uma conferência que se tornou amplamente conhecida no âmbito da crítica acadêmica. Tratando, especificamente, da sociedade brasileira, o romancista mineiro dissertou sobre a relação eu-outro, com as seguintes palavras: *“voltamos às costas ao outro – seja ele o imigrante, o pobre, o negro, o indígena, a mulher, o homossexual – como tentativa de nos preservar, esquecendo que assim implodimos a nossa própria condição de existir”*. Ao concordar com a fala de Luiz Ruffato, lembramos que o tecido social brasileiro é composto por muitas minorias, e além das camadas sociais citadas por este escritor,

acrescentamos a comunidade surda no grupo das minorias sociais.

Assim, durante décadas a surdez foi motivo de marginalização, segregação, esquecimento e constrangimento. Ao surdo coube-lhe o diagnóstico da incapacidade, ilustrando a ignorância e a ausência de políticas públicas que se debrucem sobre a surdez nos seus mais diversos âmbitos e perspectivas. Para além desta pertinente contribuição, os pesquisadores desenvolveram a ideia de *‘Escritas Surdas’*, que tem como potência a resistência da comunidade surda frente à dominação ouvinte, através do contato e da vivência com a surdez.

Caberia indicar a leitura dessa obra aos interessados em questões sobre Alteridade e Inclusão, Ensino de Libras, Estudantes de Pós-Graduação das áreas de Letras e Educação, além de professores da educação básica e superior. Outrossim, apenas o conhecimento liberta das ignorâncias.

Prof. Dr. José Veranildo Lopes da Costa Junior
Professor no curso de Letras da Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte.



<https://mentesabertas.minhalojanouol.com.br/produto/310193/escritas-surdas-na-escola-novos-horizontes-litera>

Apoio: